**Língua portuguesa**

Última flor do Lácio, inculta e bela,

És, a um tempo, esplendor e sepultura:

Ouro nativo, que na ganga impura

A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura,

Tuba de alto clangor, lira singela,

Que tens o trom e o silvo da procela

E o arrolo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma

De virgens selvas e de oceano largo!

Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: "meu filho!"

E em que Camões chorou, no exílio /amargo,

O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

**O gramático**

Os negros discutiam

Que o cavalo sipantou

Mas o que mais sabia

Disse que era

Sipantarrou.

**A fome e o amor**

A um monstro

Fome! E, na ânsia voraz que, ávida, /aumenta,

Receando outras mandíbulas a /esbangem,

Os dentes antropófagos que rangem,

Antes da refeição sanguinolenta!

Amor! E a satiríasis sedenta,

Rugindo, enquanto as almas se /confrangem,

Todas as danações sexuais que /abrangem

A apolínica besta famulenta!

Ambos assim, tragando a ambiência /vasta,

No desembestamento que os arrasta,

Superexcitadíssimos, os dois

Representam, no ardor dos seus assomos

A alegoria do que outrora fomos

E a imagem bronca do que inda hoje sois!

**Por estas noites**

XVII

Por estas noites frias e brumosas

É que melhor se pode amar, querida!

Nem uma estrela pálida, perdida

Entre a névoa, abre as pálpebras medrosas

Mas um perfume cálido de rosas

Corre a face da terra adormecida ...

E a névoa cresce, e, em grupos repartida,

Enche os ares de sombras vaporosas:

Sombras errantes, corpos nus, ardentes

Carnes lascivas ... um rumor vibrante

De atritos longos e de beijos quentes ...

E os céus se estendem, palpitando, cheios

Da tépida brancura fulgurante

De um turbilhão de braços e de seios.

**A um carneiro morto**

Misericordiosíssímo carneiro

Esquartejado, a maldição de Pio

Décimo caia em teu algoz sombrio

E em todo aquele que for seu herdeiro!

Maldito seja o mercador vadio

Que te vender as carnes por dinheiro,

Pois, tua lã aquece o mundo inteiro

E guarda as carnes dos que estão com /frio!

Quando a faca rangeu no teu pescoço,

Ao monstro que espremeu teu sangue /grosso

Teus olhos — fontes de perdão — /perdoaram!

Oh! tu que no Perdão eu simbolizo,

Se fosses Deus, no Dia do juízo,

Talvez perdoasses os que te mataram!

**Deixa o olhar do mundo**

X

Deixa que o olhar do mundo enfim /devasse

Teu grande amor que é teu maior segredo!

Que terias perdido, se, mais cedo,

Todo o afeto que sentes se mostrasse?

Basta de enganos! Mostra-me sem medo

Aos homens, afrontando-os face a face:

Quero que os homens todos, quando eu /passe,

Invejosos, apontem-me com o dedo.

Olha: não posso mais! Ando tão cheio

Deste amor, que minh'alma se consome

De te exaltar aos olhos do universo...

Ouço em tudo teu nome, em tudo o leio:

E, fatigado de calar teu nome,

Quase o revelo no final de um verso.

**O coveiro**

Uma tarde de abril suave e pura

Visitava eu somente ao derradeiro

Lar; tinha ido ver a sepultura

De um ente caro, amigo verdadeiro.

Lá encontrei um pálido coveiro

Com a cabeça para o chão pendida;

Eu senti a minh’alma entristecida

E interroguei-o: "Eterno companheiro

Da morte, que matou-te o coração?"

Ele apontou para uma cruz no chão,

Ali jazia o seu amor primeiro!

Depois, tomando a enxada gravemente,

Balbuciou, sorrindo tristemente: -

"Ai! Foi por isso que me fiz coveiro!"

**Como quisesse livre ser**

XXXII

Como quisesse livre ser, deixando

As paragens natais, espaço em fora,

A ave, ao bafejo tépido da aurora,

Abriu as asas e partiu cantando.

Estranhos climas, longes céus, cortando

Nuvens e nuvens, percorreu: e, agora

Que morre o sol, suspende o vôo, e chora,

E chora, a vida antiga recordando ...

E logo, o olhar volvendo compungido

Atrás, volta saudosa do carinho,

Do calor da primeira habitação...

Assim por largo tempo andei perdido:

— Ali! que alegria ver de novo o ninho,

Ver-te, e beijar-te a pequenina mão!

**FLOR DO MAR**

És da origem do mar, vens do secreto,

do estranho mar espumaroso e frio

que põe rede de sonhos ao navio

e o deixa balouçar, na vaga, inquieto.

Possuis do mar o deslumbrante afeto,

as dormências nervosas e o sombrio

e torvo aspecto aterrador, bravio

das ondas no atro e proceloso aspecto.

Num fundo ideal de púrpuras e rosas

surges das águas mucilaginosas

como a lua entre a névoa dos espaços...

Trazes na carne o eflorescer das vinhas,

auroras, virgens músicas marinhas,

acres aromas de algas e sargaços...

**SINFONIAS DO OCASO**

Musselinosas como brumas diurnas

descem do ocaso as sombras /harmoniosas,

sombras veladas e musselinosas

para as profundas solidões noturnas.

Sacrários virgens, sacrossantas urnas,

os céus resplendem de sidéreas rosas,

da Lua e das Estrelas majestosas

iluminando a escuridão das furnas.

Ah! por estes sinfônicos ocasos

a terra exala aromas de áureos vasos,

incensos de turíbulos divinos.

Os plenilúnios mórbidos vaporam ...

E como que no Azul plangem e choram

cítaras, harpas, bandolins, violinos ...

**Pecadora**

Tinha no olhar cetíneo, aveludado,

A chama cruel que arrasta os corações,

Os seios rijos eram dois brasões

Onde fulgia o simb’lo do Pecado.

Bela, divina, o porte emoldurado

No mármore sublime dos contornos,

Os seios brancos, palpitantes, mornos,

Dançavam-lhe no colo perfumado.

No entanto, esta mulher de grã beleza,

Moldada pela mão da Natureza,

Tornou-se a pecadora vil. Do fado,

Do destino fatal, presa, morria

Uma noute entre as vascas da agonia

Tendo no corpo o verme do pecado!

**MÚSICA DA MORTE**

A música da Morte, a nebulosa,

estranha, imensa música sombria,

passa a tremer pela minh'alma e fria

gela, fica a tremer, maravilhosa ...

Onda nervosa e atroz, onda nervosa,

letes sinistro e torvo da agonia,

recresce a lancinante sinfonia

sobe, numa volúpia dolorosa ...

Sobe, recresce, tumultuando e amarga,

tremenda, absurda, imponderada e larga,

de pavores e trevas alucina ...

E alucinando e em trevas delirando,

como um ópio letal, vertiginando,

os meus nervos, letárgica, fascina ...

**Oferta**

Quem sabe

Se algum dia

Traria

O elevador

Até aqui

O teu amor

**Um Beijo**

Foste o beijo melhor da minha vida,

Ou talvez o pior...Glória e tormento,

Contigo à luz subi do firmamento,

Contigo fui pela infernal descida!

Morreste, e o meu desejo não te olvida:

Queimas-me o sangue, enches-me o /pensamento,

E do teu gosto amargo me alimento,

E rolo-te na boca malferida.

Beijo extremo, meu prêmio e meu castigo,

Batismo e extrema-unção, naquele /instante

Por que, feliz, eu não morri contigo?

Sinto-te o ardor, e o crepitar te escuto,

Beijo divino! e anseio, delirante,

Na perpétua saudade de um minuto...

**Murmúrio**

Traze-me um pouco das sombras serenas

que as nuvens transportam por cima do /dia!

Um pouco de sombra, apenas,

- vê que nem te peço alegria.

Traze-me um pouco da alvura dos luares

que a noite sustenta no teu coração!

A alvura, apenas, dos ares:

- vê que nem te peço ilusão.

Traze-me um pouco da tua lembrança,

aroma perdido, saudade da flor!

- Vê que nem te digo - esperança!

- Vê que nem sequer sonho - amor!

**O filho do homem**

O mundo parou

A estrela morreu

No fundo da treva

O infante nasceu.

Nasceu num estábulo

Pequeno e singelo

Com boi e charrua

Com foice e martelo

Ao lado do infante

O homem e a mulher

Uma tal Maria

Um José qualquer.

A noite o fez negro

Fogo o avermelhou

A aurora nascente

Todo o amarelou.

O dia o fez branco

Branco como a luz

À falta de um nome

Chamou-se Jesus.

Jesus pequenino

Filho natural

Ergue-te, menino

É triste o Natal.

**Ora (direis) ouvir estrelas!**

XIII

"Ora (direis) ouvir estrelas! Certo

Perdeste o senso!" E eu vos direi, no /entanto,

Que, para ouvi-Ias, muita vez desperto

E abro as janelas, pálido de espanto ...

E conversamos toda a noite, enquanto

A via láctea, como um pálio aberto,

Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em /pranto,

Inda as procuro pelo céu deserto.

Direis agora: "Tresloucado amigo!

Que conversas com elas? Que sentido

Tem o que dizem, quando estão contigo?"

E eu vos direi: "Amai para entendê-las!

Pois só quem ama pode ter ouvido

Capaz de ouvir e de entender estrelas."

**Pássaro**

Aquilo que ontem cantava

já não canta.

Morreu de uma flor na boca:

não do espinho na garganta.

Ele amava a água sem sede,

e, em verdade,

tendo asas, fitava o tempo,

livre de necessidade.

Não foi desejo ou imprudência:

não foi nada.

E o dia toca em silêncio

a desventura causada.

Se acaso isso é desventura:

ir-se a vida

sobre uma rosa tão bela,

por uma tênue ferida.

**Balada dos mortos dos campos de concentração**

Cadáveres de Nordhausen

Erla, Belsen e Buchenwald!

Ocos, flácidos cadáveres

Como espantalhos, largados

Na sementeira espectral

Dos ermos campos estéreis

De Buchenwald e Dachau.

Cadáveres necrosados

Amontoados no chão

Esquálidos enlaçados

Em beijos estupefatos

Como ascetas siderados

Em presença da visão.

Cadáveres putrefatos

Os magros braços em cruz

Em vossas faces hediondas

Há sorrisos de giocondas

E em vossos corpos, a luz

Que da treva cria a aurora.

**Soneto da separação**

De repente do riso fez-se o pranto

Silencioso e branco como a bruma

E das bocas unidas fez-se a espuma

E das mãos espalmadas fez-se o espanto.

De repente da calma fez-se o vento

Que dos olhos desfez a última chama

E da paixão fez-se o pressentimento

E do momento imóvel fez-se o drama.

De repente, não mais que de repente

Fez-se de triste o que se fez amante

E de sozinho o que se fez contente.

Fez-se do amigo próximo o distante

Fez-se da vida uma aventura errante

De repente, não mais que de repente.